

• Nacional

CDB/RDB/C

POLÍTICA ECONÔMICA

Economia - Brasil

PIB cresce até 4%, garante FIBGE

por Vera Soavendra Durão
do Rio

O presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), Jessé Montello, garantiu, quarta-feira, a este jornal que a economia brasileira fecha o ano com uma taxa de crescimento real (PIB) entre 3 e 4% e uma variação anual do PIB per-capita da ordem de 1%. Este crescimento será puxado pela indústria, que registrará até dezembro, conforme previu Montello, uma expansão entre 6 e 7%, e não de 7,9% como estimou em agosto último. O PIB agrícola também será positivo, entre 4 e 5%, graças ao bom desempenho da lavoura, visto que a pecuária apresentará uma taxa negativa, como reflexo da redução da oferta de carne bovina. Para o comércio, Jessé Montello estima uma taxa positiva entre 4 e 5% e para o governo zero.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) — responsável pelo cálculo do dado oficial do PIB — não contestou as estimativas da FIBGE, mas os técnicos do Centro de Contas Nacionais da FGV revelaram que a instituição não tem ainda uma previsão deste indicador, devendo fazê-la só em dezembro. Isto, porque, segundo explicaram os especialistas, novembro e dezembro são meses definitivos para a avaliação do PIB. Os técnicos da FGV consideram que neste ano, em especial, a mudança recente da política salarial influirá muito sobre o comportamento da folha de pa-

gamento das empresas, principalmente em relação ao 13º salário. Isto se refletirá positivamente sobre o setor de serviços, em particular o comércio, que vê perspectivas animadoras nas vendas de Natal.

A FGV comunga com a FIBGE da expectativa de um PIB positivo neste ano, na medida em que a economia dá sinais evidentes de recuperação. Os técnicos da instituição apontam a expansão da produção industrial como um dos indicadores mais importantes desta retomada, lembrando que a partir de setembro o setor de bens de consumo começou a apresentar índices positivos, em alguns gêneros industriais. Entretanto, destacam que o crescimento do PIB se dará em relação a "um ano terrível", que foi o de 1983, quando esta taxa sofreu uma queda de 3,2% e o PIB per-capita caiu 5,5%. Estes índices comparativos apenas revelam que a economia brasileira ainda está longe de atingir os níveis de 1980, por exemplo, quando o PIB cresceu 7,2%, em relação a um PIB de 6,4%, no ano de 1979.

O presidente da FIBGE também considera que, em termos comparativos com o ano passado, "é fácil crescer". Montello, porém, não tem dúvidas em afirmar que este crescimento da economia é "irreversível". "Daqui para diante vai melhorar a economia", declarou, apontando o que considera "uma mudança significativa no comportamento da economia." Ou seja, segundo

Montello, a expansão do PIB caracterizou-se historicamente pelo avanço da demanda. Neste ano, a expansão refletirá um aumento da oferta. "A economia brasileira começou a reagir pelo lado da oferta", explicou o presidente da Fibge, "provocada pelas exportações."

Do seu ponto de vista, para a economia crescer mais rapidamente, é preciso apenas reduzir a inflação, motivando assim os empresários a investir na

produção. Jessé Montello aponta a produção industrial como o motor de qualquer economia, lembrando que sua estagnação compromete o crescimento do PIB total e até o pagamento da dívida externa do país. "A indústria tem um peso de 37,1% no PIB, ante 17,1% do comércio, 11% da agricultura e 5,5% de transporte e comunicações. É o setor industrial que puxa a taxa de crescimento econômico", concluiu Montello.